

A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO SEMIÁRIDO: UM OLHAR SOBRE A MULTISSÉRIE NO CAMPO

Autoria: Adeilda Ana da S. Martins;

Mestranda do Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação, cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA/UNEB /DCH-III - Juazeiro BA. Turma: 2016. 1. E-mail para contato: adeildamartins@hotmail.com

Coautoria: Edmerson dos Santos Reis

Graduação em Pedagogia habilitação em educação de adultos, pela UNEB/Juazeiro, Mestrado em Educação – Université du Québec a Chicoutimi (2003) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2009). Atualmente é Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas – DCH III/Universidade do Estado da Bahia. E-mail para contato: edmerson@oi.com.br esreis@uneb.br

Resumo do artigo: O texto apresentado é um recorte da pesquisa de mestrado: o diálogo entre a educação contextualizada e a aprendizagem nas práticas pedagógicas desenvolvidas em classes multisseriadas, que esta sendo realizada em uma escola do campo de nome Nossa Senhora Rainha dos Anjos, comunidade de Maniçoba, em Juazeiro da Bahia. O propósito da mesma é investigar a relação entre as práticas pedagógicas realizadas em uma classe multisseriada do campo e a proposta de contextualização dos saberes locais, que tem como princípio orientador a mobilização de novas aprendizagens e transformações, socioeconômicas, pedagógicas e culturais.

Palavras-chave: Educação contextualizada. Classe Multisseriada. Educação do Campo. Semiárido.

Introdução

A educação tem assumido no decorrer da história dos povos a forma pela qual nos construímos enquanto seres humanos para suprir nossas necessidades enquanto cidadãos. Como o ser humano vive em sociedade precisa, depende um dos outros em suas vivências práticas e sócio históricas para melhor conviver. Diante dessa construção e levando em conta a diversidade dos povos, regiões e o avanço da ciência, vai sendo necessário repensar criticamente os modelos educativos homogeneizantes, descontextualizados por não atenderem as especificidades, singularidades das populações. Por exemplo, os povos que moram em regiões semiáridas ou em outras marcadas pela intensidade de períodos chuvosos além de outras sutilezas que se apresentam em realidades distintas, não deve a escola em seus Projetos Políticos Pedagógicos tratar o assunto da mesma forma, já que se trata de situações diferenciadas. Compete à escola problematizar os saberes locais,

contextualizando-os para que os sujeitos que se utilizam dos seus serviços educativos, ao compreenderem a realidade possam dialogar melhor com o mundo do qual fazem parte.

Silenciar o papel da educação que contextualiza a diversidade de saberes e as suas singularidades representa uma falha para qualquer entendimento das relações sociais, políticas e econômicas das quais fazemos parte nas nossas práticas cotidianas. Implica dizer que, a educação deverá sempre estar pautada nos processos de construção, apropriação e reapropriação de novos conhecimentos pelos sujeitos, enquanto seres, por natureza de relações interativas, situados em um tempo-espaço. Por sua vez, as classes multisseriadas localizadas no campo apresentam especificidades e são carregadas de preconceito, o que exige uma prática pedagógica reflexiva, comprometida com a quebra de paradigmas que foram construídos em relação a essa forma de escolarização não ser de qualidade e o campo visto como espaço do atraso. Além disso, o ensino-aprendizagem deve ter como um dos seus focos os contributos da educação contextualizada para a convivência local.

Metodologia

A pesquisa é de abordagem qualitativa, fundamentada pelo viés da etnografia e foi escolhida considerando que esse tipo de abordagem tende a possibilitar um melhor entrosamento entre o investigador e os investigados, bem como com o ambiente a ser descrito e analisado. Esse entrosamento está sendo construído no dia a dia das nossas visitas e aos poucos houve a aceitação do nosso estudo pelo professor alunos e comunidade. Quando então o investigador passa a fazer parte do processo de pesquisa, sem esquecer-se de conservar nesse fazer a postura investigativa quanto ao objeto de estudo.

O estudo baseado pelo viés etnográfico foge da abordagem positivista, que defende o conhecimento científico como única forma de conhecimento verdadeiro. Uma análise de cunho quantitativo não consegue dar conta de analisar a realidade, sutilezas presentes numa sala de aula e em especial da prática pedagógica de uma classe multisseriada. Portanto mesmo sendo um viés etnográfico, já que a etnografia em si demanda muito tempo de pesquisa, esse estudo representa a ruptura com o modo clássico de se fazer ciência. Pensar nessa perspectiva é procurar entender as interpretações que o professor e os alunos conferem às suas ações, vivências no cotidiano da sala de aula onde, “descrever para compreender é um imperativo” (MACEDO, 2010, p.9).

Para tanto, como a pesquisa encontra-se em processo, utilizaremos as técnicas etnográficas como: a observação participante, a entrevista semiestruturada e a análise documental para potencializar a reflexão da prática pedagógica na multissérie, que permitirá ao término desse trabalho verificar se o trabalho pedagógico contextualiza ou não a região do semiárido, tendo como técnica de análise a triangulação dos dados, das fontes e da fundamentação teórica utilizada.

Vale ressaltar, que no artigo em tela se utilizou informações coletadas através da observação-participante e das conversas informais entre os sujeitos da pesquisa para subsidiarem as reflexões aqui colocadas, além dos aportes teóricos. Procurando entender os sujeitos no processo de construção, reconstrução de saberes e fazeres na sala de aula.

Resultado

Pretende-se com a conclusão dessa pesquisa, da qual esse artigo é apenas um recorte que a discussão/reflexão sobre a multissérie no campo, passe a fazer parte, tomar parte e ser parte do Projeto Político Pedagógico da escola em questão de forma mais efetiva. Sendo priorizada principalmente nas agendas públicas. Um projeto de educação contextualizada e por isso problematizador, capaz de viabilizar o fortalecimento desses sujeitos a partir da valorização dos saberes locais do entorno da comunidade, considerando as singularidades desse tipo de organização escolar, por ser do campo e multisseriada. Razões pelas quais se deve construir um olhar diferenciado a respeito dessa forma de organizar o ensino, pois como afirma (ARROYO, 2010, p.1):

[...] as escolas multisseriadas merecem outros olhares. Predominam imaginários extremamente negativos a ser desconstruídos: a escola multisseriada pensada na pré – história do nosso sistema escolar vista como distante do paradigma curricular moderno, urbano, seriado, vista como distante ao padrão de qualidade pelos resultados nas avaliações, pela baixa qualificação dos professores, pela falta de condições materiais, pela complexidade do exercício da docência em classes multisseriadas [...].

Na classe multisseriada objeto dessa pesquisa é comum o professor dividir o quadro por ano de escolaridade para colocar os conteúdos, utilizando na multissérie a mesma lógica da seriação. Porém, algumas crianças conseguem romper com a barreira que as separa entre um ano e outro de escolaridade. O exemplo apresentado a seguir, aconteceu primeiro com uma criança do terceiro ano do ensino fundamental, durante uma das visitas à escola, quando o professor colocou no quadro operações matemáticas da seguinte forma: 3º ano contas de somar, 4º ano operações de subtração e 5º ano multiplicação. Uma criança do 3º ano copiou no caderno a atividade e não demorou muito tempo, resolveu a parte que lhe cabia. Em

seguida, perguntou: “professor posso fazer a conta da outra parte? Porque eu acho que sei fazer essa outra” Que era a operação de subtração. O professor tranquilamente coloca: “Não! A operação de subtração é para fulano, fulana... que já estão no 4º ano. Olhe se somou direitinho, que já vou olhar.” Como o professor estava orientando atividades xerocopiadas de português para as crianças que se encontravam, segundo o mesmo, no primeiro e segundo ano de escolaridade, atividades diferenciadas, então perguntei ao mesmo se podia olhar a atividade do aluno em questão.

Autorizada, me dirigi à carteira do mesmo e verifiquei que os resultados das duas contas de adição estavam corretos e avisei ao professor. Nisso o mesmo solicitou ao aluno que pegasse o livro de português para fazer a leitura da página tal e em seguida tentar resolver as atividades de interpretação do texto: Ou isso, Ou aquilo de Cecília Meireles. Nesse ínterim, outra criança diz: “eu também sei fazer essas outras”. Mas não houve resposta do professor. Talvez até nem tenha ouvido, tamanha era a sua preocupação em orientar as outras crianças, o que de fato demonstra tamanha complexidade da prática docente nessa forma de escolarização. Essa reflexão ainda parcial, de quando as crianças rompem com o paradigma seriado na multissérie, será explorado após a conclusão do projeto de pesquisa, não só com a comunidade escolar, mas com os representantes da Secretaria de Educação do município de Juazeiro da Bahia com os quais nos comprometemos em não só em apresentar o resultado conclusivo da investigação, mas refletirmos juntos a multissérie do campo localizada no semiárido.

Discussão sobre a educação contextualizada

Esse trabalho foi pensado a partir do projeto de pesquisa já apresentado na introdução, com o objetivo de investigar a prática pedagógica em uma classe multisseriada, localizada no campo e a sua relação com a proposta de contextualização dos saberes locais. São sujeitos dessa pesquisa um professor, por tratar-se de uma escola unidocente e dezessete alunos com níveis de escolaridade. Segundo o professor essa classe vai 1º ao 5º ano de escolaridade do ensino fundamental e que por estarem todos os alunos em uma única sala e tendo como orientador apenas um professor chama-se segundo a literatura educacional, classe multisseriada. A discussão esta se pautando em diversos suportes teóricos como o pensamento Freireano que trata de uma educação problematizadora, contextualizada, além de reconhecer a incompletude do ser humano que é histórico:

[...] educação problematizadora parte exatamente do caráter histórico e da historicidade dos homens. Por isso mesmo é que os reconhece como seres que estão sendo. Como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Daí que seja a educação um que fazer permanente (FREIRE, 1978, p.83)

Vale ressaltar que, embora o Brasil tenha origem agrária, os povos que vivem no e do campo tiveram historicamente seus direitos negados nas duas primeiras constituições brasileiras promulgadas em 1824 e 1891. Estas não fizeram nenhuma alusão à educação no meio rural, invisibilizando esses sujeitos. Até porque o espaço rural, sempre foi concebido como lugar do atraso e por isso as políticas educacionais e sociais não eram consideradas importantes para esses povos. Ao que REIS (2010, p.38), coloca: “[...] isso pode ser compreendido como reflexo de uma mentalidade retrógrada de colonização do país, decorrente das relações de produção, baseadas na exploração do trabalho escravo, na concentração fundiária” [...]

Acontece que a instituição escolar no campo ou na cidade, tem atendido muito mais as exigências da classe hegemônica em detrimento dos interesse/necessidades do povo. Exigências políticas voltadas para o desenvolvimento econômico, como é o caso da região semiárida do Vale do São Francisco em Juazeiro da Bahia, local da pesquisa e que merece alguns questionamentos. Quem se beneficia com esse desenvolvimento? Não seria mais viável a implantação de uma política de educação para o Vale, assentada na lógica da convivência com o semiárido para essas populações?

Vale lembrar que, embora o Plano Municipal de Educação do município tenha como um dos seus princípios uma educação contextualizada para a convivência com o semiárido e a aquisição, distribuição dos livros semiárido 1 e 2 nas escolas, ainda falta concretizar essa proposta na prática. E o que tem prevalecido nas aulas observadas é o uso do livro didático, que como se sabe não atende as demandas do grupo e ainda resulta em uma educação generalista. Pensada para a cidade e aplicada nas escolas do campo. Um ensino-aprendizagem solto, desconectado da realidade, o que vai fortalecendo cada vez mais a fragmentação e a descontextualização do conhecimento fazendo com que o ensino ao invés de ser pensado no campo e do campo passe a ser pensado para o meio rural enquanto espaço de produção de mercadoria:

Enquanto a educação do campo vem sendo criada pelos povos do campo, a educação rural é resultado de um projeto criado para a população do campo, de modo que os paradigmas projetam distintos territórios. Duas diferenças básicas desses paradigmas são os espaços onde são construídos seus protagonistas. Por essas razões é que afirmamos a Educação do

Campo como um novo paradigma que vem sendo construído por esses grupos sociais e que rompe com o paradigma da educação rural, cuja referência é a do produtivismo, ou seja, o campo somente como lugar da produção de mercadoria e não como espaço de vida. (FERNANDES & MOLINA. 2004 p.37)

O descaso para com o campo tem contribuído para invisibilizar as turmas multisseriadas, contudo, percebe-se a importância desse atendimento se levarmos em consideração o que relembra HAGE (2010 p.45): “As escolas multisseriadas em que pesem todas as mazelas tem assumido a responsabilidade quanto à iniciação escolar da grande maioria dos povos do campo”. Mas que sejam propostas com práticas contextualizadas que partam do conhecimento que às crianças já possuem para propor o que elas ainda não sabem e assim avançar no conhecimento e como dizia Freire, (2005): “uma educação libertadora”, “humanista”. A libertadora que se opõe a colonizadora e humanista que tenha como foco as transformações sociais. Freire desde as suas publicações iniciais: Educação como Prática da Liberdade (2005), livro reeditado e em Pedagogia do Oprimido (1978) já discutia a relação sujeito objeto mediados de forma crítica dentro dos seus contextos. Com isso propunha que o conhecimento fosse trabalhado dialogicamente em um processo permanente de ressignificação. Essa possibilidade encontra respaldo na perspectiva da educação contextualizada. Esta não vê o aluno como ser passivo porque parte de saberes e viveres onde os sujeitos do processo passam a ter vez e voz no desvelamento de suas condições de existência na sociedade. É estabelecendo relações com a realidade social, econômica, cultural e histórica que a vida e o mundo vão sendo tecidos. A contextualização não é apenas uma questão metodológica, mas significa entender a educação em toda a sua complexidade para se romper com as práticas do paradigma hegemônico. MARTINS (2011, p.47) pensa da seguinte forma a educação contextualizada:

[...] “no meu entendimento, a “educação contextualizada” se associa” aos processos de rompimento com a narrativa hegemônica, eurocêntrica, machista, cristã, racionalista e capitalista ou seja, se não isto, pelo menos associada aos processos de rompimento com as narrativas de algum modo exógenas às formas de vida particulares, com as quais, tais narrativas hegemônicas não dialogam e acabam tomando-as como seus “outros”. Chamamos tais narrativas hegemônicas de coloniais, tendo elas predominado na experiência educacional não apenas no Brasil, mas em diversos outros pontos do globo.

Concorda-se com o autor por se entender que a contextualização é uma das saídas que se contrapõe a colonização dos seres humanos. Capaz de apresentar elementos que possam dar sentido aos conteúdos curriculares a serem trabalhados. Um caminho a ser experimentado

para a convivência com o semiárido em toda a sua complexidade. Saberes que não podem ser silenciados, uma vez que:

Quando se trata da educação no semiárido brasileiro a intencionalidade da contextualização é compreender a história desse lugar, que tem sido contada e passada de geração em geração, encortinando as potencialidades do lugar e desenhando, em lugar da boniteza, como fala Freire a feiura. (SILVA, 2011, p.23)

O que Silva coloca anteriormente sobre uma educação contextualizada mantém uma estreita relação com o que pensa (CALDART 2002 p.18) para os povos do campo ao defender o atendimento dos sujeitos por políticas públicas que garantam o direito a uma educação “do” e “no” campo e não qualquer uma, mas que contextualize esse espaço conjuntamente com os seus representantes, significando: (no): o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive. (do): o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e suas necessidades humanas. Uma educação voltada para as necessidades humanas tem como um dos seus pressupostos o trabalho e as relações sociais, como uma grande estratégia político-pedagógica por dar voz aos sujeitos:

As pessoas se humanizam ou se desumanizam, se educam ou se deseducam, através do trabalho e das relações sociais que estabelecem entre si no processo de produção material de sua existência [...] pelo trabalho o educando produz conhecimento, cria habilidades e forma sua consciência. Em si mesmo trabalho uma potencialidade pedagógica, e a escola pode torna-lo mais plenamente educativo, à medida que ajuda às pessoas a perceber o seu vínculo com as demais dimensões da vida: a sua cultura, seus valores, suas posições políticas. (CALDART, 2000, p.55-56).

Hage, ao afirmar que: “As classes multisseriadas podem contribuir para a permanência dos sujeitos no campo por lhe oferecer uma escolarização no lugar em que vivem, basta para acabar com a experiência precarizada da educação efetivada nas escolas”. Já a pesquisadora, D’Agostine (2009), ao fazer uma análise do quadro educacional no Brasil, vai concordar com Hage, ao considerar que as classes multisseriadas podem se constituir numa alternativa para a educação no meio rural, porém, é necessário que haja também investimento na formação dos professores que nelas atuam com uma infraestrutura adequada, um Projeto Político Pedagógico coerente com as especificidades da comunidade. De acordo com a mesma ::

[...] para que haja uma proposição viável, a formação de professores e a organização escolar devem romper com a seriação. Com as disciplinas e conteúdos isolados, além de pautarem-se em problemáticas reais e sociais e conteúdos clássicos que auxiliem a compreender e resolver problemas locais. (D' Agostine, 2009.p.46)

Pensar a educação contextualizada voltada para a convivência com o semiárido Nas escolas do campo, com classes multisseriadas, é aprender a partir da diversidade de experiências acumuladas por esses sujeitos. Implica compreender como é produzida a cultura local, dentro desse ambiente múltiplo e complexo que é o semiárido. De que vivem? Como convivem com o fenômeno natural da seca? O que fazem e como fazem para armazenar água, alimentar os animais, beber? O que plantam e como plantam? Ao plantarem a quem vende? Por quanto vende seus produtos? Ou se trabalham para alguém, Fazendo o que? Quais os festejos do lugar, lendas, tradições? Entre outros questionamentos. Tudo isso é conteúdo curricular que a escola precisa contextualiza/problematizar, para ressignificar, transformar a realidade.

Nessa perspectiva currículo e vida se imbricam no sentido de desvelar a região semiárida que ainda é vista como lugar de atraso, miséria. Por esse motivo precisa de políticas voltadas para seu “desenvolvimento econômico”. Ou seja, uma região tratada por política pública e setores de economia privada, simplesmente como mercadoria. Sem, no entanto mostrar as potencialidades culturais e econômicas do semiárido e os cuidados necessários na preservação da natureza. Isso não é do interesse principalmente de setores privados que continuam explorando essa região e seu povo.

Conclusão

O que se deve considerar é que a escola, multisseriada ou não, localizada no campo, cidade e/ou regiões semiáridas é um direito educacional inquestionável. Nessa linha de pensamento merece tratamento específico de acordo com a singularidade dos que a frequentam por parte dos órgãos públicos. O trabalho educativo deve oferecer condições para a população não apenas de acesso, mas um ensino-aprendizagem que extrapole o real. Uma educação problematizadora, contextualizada que valorize os seres, seus saberes e viveres construídos a partir da realidade dos que habitam o campo como é o caso da escola objeto de investigação em uma região semiárida. Pontuando e vivenciando através do projeto político pedagógico, construído coletivamente e de acordo com as especificidades/singularidades também da escolarização multisseriada.

Que a lógica colonizadora seja superada pela perspectiva da educação contextualizada para a convivência com o semiárido, afirmando os valores culturais dessa gente do campo, que sempre

apareceu ao longo da história da educação rural de forma estereotipada, caricata e a multisseriação como ensino de qualidade inferior. Ao contrário, que esses sujeitos se reconheçam e sejam reconhecidos como sujeito de direitos nesse processo, no sentido de que a escola possa então contribuir para minimizar ao máximo situações como: desconexão entre o saber escolar e os saberes da realidade vivida pelos seus alunos; apropriação da teoria pedagógica psicogenética por parte dos educadores para que possam melhor auxiliar os seus alunos na aquisição da escrita e domínio da leitura; problematização dos significados e motivações do fracasso escolar, contribuindo para sua superação; compreensão de que a multissérie implica em um formato próprio e que portanto exige uma ação didático pedagógica vinculada à sua especificidade.

Se as concepções de campo, escola do e de classe multisseriada não forem repensadas e reorientadas no âmbito das políticas públicas de garantia do direito à educação, não sairemos da precarização dessa forma de organização das turmas escolares, presentes principalmente no campo e, conseqüentemente continuará a reinar o pouco caso, o desconhecimento e a invisibilidade dos muitos fazeres que proponham saídas inovadoras, creditadas principalmente aos docentes, mesmo em meio ao descaso com que são tratadas essas experiências.

Referências

ARROYO, Miguel G. Escola Terra de Direito. In: HAGE, Salomão Mufarrej e ROCHA, Maria Isabel Antunes, (Orgs.) **Escola de Direito: reinventando a escola multisseriada**. Coleção caminhos da educação do campo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CALDART, Roseli Salete. **A escola do campo em movimento**. In: BENJAMIN, César; CALDART, Roseli Salete. Projeto popular e escolas do campo. (Caderno 3), Brasília: DF. 2000.

D'AGOSTINE, Adriana. **A Educação do MST no Contexto Educacional Brasileiro**, (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2009.

FERNANDES, Bernardo Mançano e MOLINA, Mônica Castagna. O Campo da Educação do Campo. In: JESUS; Sonia Meire Santos Azevedo; MOLINA, Mônica Castagna. (Orgs.). **Por uma educação do campo: contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**- Caderno 5. Brasília, DF. 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HAGE, Salomão Mufarrej. **Concepções Práticas e Dilemas das Escolas do Campo**: contrastes, desigualdades e afirmação de direitos em debate. Coleção Didática e Prática de Ensino. XV ENDIPE, Belo Horizonte, Autêntica 2010.

_____. Classes Multisseriadas: Desafios da Educação Rural no Estado do Pará- Região Amazônica. In: **Educação do Campo na Amazônia**: Retratos da Realidade das escolas multisseriadas no Pará, Belém: Editora Gutemberg, 2005.

REIS, Edmerson dos Santos. **Educação do Campo**: escola, currículo e contexto. Juazeiro – BA: ADAC, 2011.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa formação**. Brasília: Líber Livro. 2ª Ed.2010.

MARTINS, Josemar da Silva. Educação Contextualizada da Teoria a Prática. In: CARVALHO, Luzineide Dourado e REIS Edmerson dos Santos. (Orgs.). **Educação Contextualizada: Fundamentos e Práticas**. Juazeiro – BA: Prinptex Gráfica e Editora, 2011.

SILVA, Maria Adelaide. Educação Contextualizada, Transposição Didática e Complexidade: Um Começo de Conversa, In: CARVALHO, Luzineide Dourado e REIS, Edmerson dos Santos. **Educação Contextualizada: Fundamentos e Práticas**, (Orgs.). Juazeiro - BA: Prinptex Gráfica e Editora, 2011.

